

Capítulo 1

Je reviens

Os últimos dias de Abril. Há nevoeiro, fundo como um poço, com um leve cheiro a flores. Na terra onde vivemos os rododendros e as azáleas começam a florir nos últimos dias de Abril. Como algo de novo. Perturbador e novo. E sentimo-nos justificados, porque o jardim é a nossa criação, o trabalho das nossas mãos e da nossa alma, e de alguma forma parece-se connosco, tem o nosso cheiro. Quando nos encontrámos em Madrid ele disse-me que eu cheirava a alperce. E de vez em quando a tangerina. Mais tarde disse-me com uma expressão estranha no rosto que eu tinha o cheiro das azáleas, o cheiro do jardim, a parte do jardim de que ele mais gosta, entre os relvados e o mar. Um vale tranquilo.

Algumas espécies de rododendros vivem centenas de anos. Crescem nos bosques, onde têm sombra todos os dias. Nutrem-se directamente do húmus do solo, já que as folhas caídas no Outono, das árvores que os rodeiam, apodrecem na terra. A humidade imprescindível às raízes mais finas é retida pela matéria orgânica, e os nutrientes voltam ao solo seguindo um ciclo natural.

Pergunto a mim mesma como será viver centenas de anos. O pintor japonês Hokusai escreveu que aos setenta e três anos começava a compreender a natureza dos pássaros, dos animais, dos peixes, dos insectos, a natureza vital das ervas e das árvores, talvez aos noventa penetrasse mais fundo no mistério das coisas, aos cem o seu trabalho teria atingido a fase do espanto, aos cento e dez, cada ponto, cada linha, estariam vivos.

Na verdade, eu nunca quis viver muito tempo. Acabar cedo, e rapidamente, como a chama de uma vela que alguém sopra no escuro. Não gostava da ideia de envelhecer. E ultimamente já havia algo, umas linhas no canto da boca, começa pela boca...

Os espelhos vazios reflectem as salas e as jarras de flores, e só depois o rosto, afilado, pálido, os olhos verdes, quase cinzentos, o cabelo comprido e muito escuro. A mais bela criatura que ele tinha visto na sua vida. Não a mais bela mulher. A mais bela criatura. A mais bela criatura que a maior parte das pessoas viu na sua vida.

Os espelhos vazios reflectem as salas e as jarras de flores. E depois, só depois, o vulto magro que caminha devagar, como se reconhecesse o terreno, uma e outra vez. E no entanto conheço tão bem a casa, os cantos, as sombras, os móveis, os objectos, os livros. Os romances do século dezanove. Os livros de poesia. E as estantes cheias de volumes encadernados que se encontravam aqui antes de mim, que eu folheei nos primeiros tempos, mas pareciam recusar-me, como se estivessem bem assim, fechados, adormecidos. Os livros têm uma existência própria mesmo quando ninguém os lê, ninguém os folheia, ninguém os cheira. E eu deixei-os continuar o seu sono, porque estavam no fundo da casa, faziam parte da alma primitiva da casa e não precisavam de mim.

Eu sempre gostei de vaguear à volta da casa, ao amanhecer. Fazia o mesmo na casa onde cresci, ainda mais velha e mais pequena, com lilases no alpendre e um relvado à frente que no mês de Março ficava coberto de narcisos amarelos.

Eu sempre gostei de vaguear, através das casas, das cidades, dos parques, dos bosques. Mas não havia nada no fim. Talvez não tenha ido suficientemente longe. Aos vinte anos planeava grandes viagens, o Japão, a Rússia, e um dia encontrei-o, em Madrid, e a partir daí a ideia de uma viagem era um hotel de cinco estrelas numa cidade europeia. E não havia nada no fim. Não se chegava a lugar algum.

Um entardecer de Abril. Na nossa terra os rododendros e as azáleas começam a florir nos últimos dias de Abril. Encosto-me à janela e procuro inutilmente o meu reflexo na vidraça. Lá fora os rododendros... árvores de rosas. Rhodon – rosa; dendron – árvore. As flores começam a surgir, pequenas chamas vermelhas entre a folhagem. Por baixo da janela há azáleas. Esta espécie precisa de água todos os dias, quando está em flor, de preferência água da chuva, guardada previamente, porque é ácida e está à temperatura natural. As flores, cor de pêssego, não têm cheiro. (O perfume mais forte é o da azáleia *Pontica*. Nos dias de sol, um único arbusto pode envolver o jardim num perfume doce e entorpecedor.)

Finalmente o meu reflexo no vidro, misturado com as primeiras sombras. O que me tranquiliza um pouco. O rosto afilado, a grande massa de cabelo escuro. Digo baixinho o meu nome, muitas vezes seguidas, o que também me tranquiliza um pouco. Rebecca. Rebecca de Winter. E a casa chama-se Manderley. Em todas as cidadezinhas da Cornualha os turistas podem comprar postais com reproduções muito coloridas de Manderley. Na segunda-feira de manhã a casa está aberta aos visitantes.

Não me quero esquecer. De nada. Das coisas importantes. Eu sou uma mulher que perdeu o contacto com as coisas não essenciais. Uma frase de um livro, de uma peça de teatro, talvez. E, como se rezasse, tento lembrar-me das coisas essenciais.

Lembro-me da oração que dizia todas as noites, e de uma canção que uma das minhas amas me ensinou, *Willow Wally*. *We lay my love and I beneath the weeping willow...*

*We lay my love and I beneath the weeping willow.
But now alone I lie and weep beside the tree.*

*Singing "Oh willow wally" by the tree that weeps with me.
Singing "Oh willow wally" till my lover returns to me.*

*We lay my love and I beneath the weeping willow.
A broken heart have I. Oh willow I die, oh willow I die.*

Não sei porquê, estou sempre a trautear essa canção. O que não fazia desde o tempo em que rezava todas as noites, para que Deus guardasse a minha alma se eu morresse antes de acordar.

As coisas essenciais:

Há alguns anos, vi Duke Ellington a tocar piano num bar em Londres.

Numa noite de Setembro, vi Michael Redgrave a representar Hamlet em Stratford-upon-Avon.

Adormeci nos bosques, em Maio, no meio das campainhas azuis (e em nenhuma parte da Inglaterra elas têm este azul dos campos que rodeiam Manderley).

Num entardecer de nevoeiro, perdi-me nas ruazinhas de Londres, junto ao rio. Entrei numa loja escura e comprei um anel de prata com uma pedrinha azul.

Num museu de Paris, vi algumas gravuras de Hokusai e Hiroshige. E aprendi a olhar de outra maneira a neve, as pontes, o mar, a lua, as flores dos lilases.

Em Espanha, vi pinturas de El Greco, aqueles rostos afilados, os corpos altos e magros, e um homem disse-me que eu poderia ter sido pintada por ele, criada por ele.

Ao longo de toda a minha vida, tive cães, e cavalos, e um barco.

Eu era bela, a mais bela criatura que a maior parte das pessoas viu na sua vida.

Eu fiz um jardim com as minhas mãos, e os meus livros de botânica, e a minha alma. Com a água da chuva e as folhas do ano anterior.

Durante alguns meses, um homem esteve apaixonado por mim e eu estive apaixonada por ele.

Lá fora, é noite fechada. A massa escura dos rododendros, em frente da janela. Os sons indistintos da noite. O meu reflexo desapareceu da vidraça. Dentro da casa está escuro, a lareira está apagada, suponho que deve estar frio. Eu sempre gostei mais do frio do que do calor, mais da sombra que do sol, mais do amargo que do doce.

Não me agrada muito vaguar pela casa depois de anoitecer. Será que as criaturas da noite têm medo do escuro?

Agora vou para a biblioteca. É lá que gosto de passar a noite. Há sempre brasas na lareira... E os cestos dos cães... Gosto de sentar-me ao lado deles, as pernas dobradas, e eles adormecem tranquilos porque sabem que eu estou ali. Sentem a falta do dono. Eu também sinto.

Não é difícil encontrar o caminho para a biblioteca. A galeria central, um corredor, a porta da biblioteca. Nos últimos tempos vejo no escuro... Uma estranha familiaridade com os animais selvagens e os anjos.

Espero que ele volte. Nos primeiros meses, ele passava as noites aqui, sem dormir, a andar de um lado para o outro. Uma manhã, antes do pequeno-almoço, foi embora.

Ele tem de voltar, mais tarde ou mais cedo. Porque eu estou aqui e ele não consegue ficar longe de mim durante muito tempo.

E eu reconhecerei os seus passos, como a cadela cega reconhece os meus passos no escuro.